

O HERALDO

Artigos, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição
e Impressão
TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

Portugal no Brazil

Dr. Jorge Capinha

Mais uma vez os nossos compatriotas residentes no Brazil demonstraram quanto o exilio é um tónico para o patriotismo e como é nos emigrantes, a quem a terra alheia concedeu o bem que a Pátria lhes negou, que apezar disso mais sadia e normalmente se desenvolve o amor e o respeito da Pátria.

Muitas cabeças, fanáticas de lógica, se teem empenhado em provar que o patriotismo é absurdo e só o internacionalismo é digno de uma culta humanidade. Mas o amor da Pátria não é um raciocínio nem um interesse; é um sentimento. A consciencia nacional é um lento produto da historia. A sua base moral é toda de sacrificio e de renuncia. O homem prefere muitas vezes o sofrimento, a miséria, a morte, na terra própria, ao bem-estar e á felicidade na terra alheia. Um poeta suíço define assim a Pátria, em versos mais irresponsáveis que argumentos:

Il est, amis, une terre sacrée
Où tous ses fils veulent, au moins, mourir...

Compare-se este maravilhoso *au moins* com o mesquinho aforismo latino proclamando que *Patria est ubicumque est bene*, e ter-se-ha logo reconhecido que o sentimento patriótico, imperfeito aos olhos da lógica, é divino aos da consciencia. Misticismo necessário lhe chamou o insuspeito Gambeta. Simbolo de uma justiça maior que a do socialismo e que ensina de novo aos ricos e aos pobres a necessidade—e a beleza—da abnegação.

A nossa colonia, do Brazil, dividida, por opiniões ou fés diversas, todas elas nascidas de um cuidado e carinho igual pela Pátria distante, congraçou-se e uniu-se instintivamente, automaticamente, perante a afronta estrangeira. Assim provou mais uma vez a pureza ideal do seu patriotismo, aperfeiçoado pelo exilio e pela saudade, e que nenhuma ambição, nenhum egoismo, nenhum interesse turvou. E esse acto é tão belo que não basta, para o louvar, dizer que foi digno de nós. Temos tambem de proceder por maneira a sermos nós dignos dele.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Dr. Estevam de Vasconcelos

Solemnizando o 30.º dia do passamento do saudoso republicano dr. Estevam de Vasconcelos, realisa-se hoje, em Lisboa, pelas 11 horas, a inauguração do seu retrato no Centro Almirante Reis, rua do Bomforno, 50, 1.º. Foram convidadas a fazer uso da palavra os srs. drs. Afonso Costa, Alexandre Braga, Albino Vieira da Rocha, Ramalho Curto, Agostinho Fortes, João Camoães e os srs. Antonio Maria da Silva, Leote do Rego, Anibal Lucio de Azevedo e Artur Costa. Tambem foram convidados a fazer-se representar a esposa do illustre extinto, o Directorio do Partido Republicano Português e as Comissões Distrital e Municipal de Lisboa do mesmo Partido.

Grande cataclismo

Dizem de S. Miguel do Salvador que a capital da Republica de S. Salvador foi destruida por um cataclismo, devido provavelmente a um tremor de terra ou erupção vulcanica.

Outra cidade que tinha 60.000 habitantes, bem como as cidades Nejapa, Suchitotlan, Aménos, Mejicanos, Zuecaltipeque, etc., foram igualmente destruidas.



Honra-se «O Heraldo» publicando hoje o retrato do dr. Jorge Capinha, que está ultimando distintamente o curso de medicina na Universidade de Coimbra.

O joven médico, que é tambem um publicista de grande valor, acaba de obter com a sua ultima monografia scientifica «Doenças das gravidas», o premio do Barão do Castelo de Paiva, instituido na Universidade, para os alunos distintos.

As nossas cordiais felicitações.

Crónica cidadina

SANTO ANTONIO

Semana monótona, sensaborona e... quente. Notaveis, apenas dois successos: A festa ao popular taumaturgo Santo António e a exhibição da «Falena», a grandiosa fita de arte interpretada pela celebre artista Lyda Boreli, uma das mais refulgentes estrelas da cinematografia dramatica contemporanea.

Muito concorrida a festa a Santo António ou o bom do Santo não continuasse ainda investido no seu alto cargo de casamenteiro-mór...

As moças adoram-no, dedicam-lhe uma afeição requintada e andam mesmo com elle «Santo Antoninho onde te porem», enquanto lhes não depara um noivo de feição.

Depois feito o casorio, logo se esquecem do Santo, com o que ele nada se importa, porque bem sabe que, dada a apregoada ruindade do bicho homem, poucas seriam as desposadas que lhe pudessem agradecer a prenda...

Santo António, desta vez, alongou mais o seu passeio, aproximou-se mais da baía. Talvez para o ano se resolva a passear pelas ruas de uma cidade onde tem tantos amigos e admiradores, talvez visite o Cine, a Brasileira, as novas sedes dos clubs...

Mas se foi muito concorrida a festa de Santo António, o mesmo não pode dizer-se da exhibição da «Falena», que decorreu com uma das casas mais fracas que temos visto no Cine.

E, todavia, que primorosa fita de Arte aquela, interpretada pela gentilissima Lyda Boreli!

Ha dias, num grande circulatorio lisboense, chamavam-lhe Lyda Boreli, a «Divina».

Nada mais justo. Lyda é divina pela sua prodigiosa beleza e pela emotividade surpreendente da sua Arte Sublime.

A sorrir, a chorar, a sua expressão domina, cativa, prende...

Os seus gestos evoluem sempre cheios de graça, num ritmo cadenciado, repleto de encanto e de naturalismo e as suas formas esculturais cantam altivas o hino triumphal da beleza feminina.

Que prodigiosa Mulher! Como ela difere desses interessantes manequins que só vivem do prestigio das sedas e veludos com que se atavam e que, por mais que estudem ao espelho o gesto e a expressão,

jamais conseguem passar de lindas bonecas animadas!

LYSTER FRANCO

A festa da flor

Promovida pelas gentis alunas da Escola Normal e Liceu desta cidade, realizou-se no dia 6 a Festa da Flor para angariar donativos com destino aos feridos da guerra.

A comissão presidida pela distinta professora da Escola Normal, sr.ª D. Georgina do Carmo Rocha, é digna dos maiores elogios pela forma porque realizou tão simpatica festa, que rendeu 508 escudos, tendendo o espectáculo 190 escudos, o que prefaz a quantia de 698 escudos, rendimento total da festa.

Venderam flores nas principais ruas da cidade as demoiselles:

«Laurinda» Paulina, Alice Pinto, «Gardúas» Lopes Novaes, Maria Gama, Alzira Fonseca, Adalberto Fonseca, Amélia Jorge, Piedade dos Santos, Maria C. Viegas, Clotilde do Oliveira, Alia Pato, Maria Judith, Maria Romero, Raimon de Sousa, Dulce Mito, Zolmiria Mendes, Lucilla di Solodade, Gertrudes Ferreira, «Eduarda» Quintinha, Esperança Vilcente, Maria Cantanhão, Domicilla da Silva, Adelaide Vargos, Maria Mascarenhas, Lucilla Mascarenhas, Lucilla G. Brita, Maria Hilario, Alice Ribeiro, Albertina Frederico, Lucilla Sibilo, Eva Gasparino, Ofelia Azinheira, Eduarda de Sousa, Helena da Encarnação, Iria de Oliveira, Celeste Vairinho, Fortunata, Beldina Maria Rato, Lidia Bello, Adelaide Monchique, Antonio Gilgelo, Maria de Assis, Bernadita Santos, Maria Soares, Maria Freire, Silvina de Carvalho, Helena Pedro, Gabriela Sousa, Tereza Duarte, Maria Aroia, Maria Lucia, Maria Seralina, Maria Leonilde, Lucilla Cabrita, Ana Casalejo, Maria de Lurdes Dóres Sousa, Maria Palma, Maria Ricardo, Maria Socinha, Mialhas, Maria Viegas Correia e Maria Margarida Valadas.

Os maiores donativos foram: o do sr. Fialho, 30 escudos; do sr. Belmarco, 10; do sr. Aragão 5 e do sr. Bispo do Algarve, 3.

Houve tambem «dóis» passageiros, do comboio correio que concorreram com 5 escudos cada.

EXPOSIÇÃO DE ARTE

Fala um discípulo de José Malhoa

(Cartas para «O Clamôr»)

Damos a seguir a transcrição do artigo a que nos referimos no ultimo numero.

Meus amigos:

Confiam-me Vocês, que souberam não sei como, da minha *tournee* pelo antigo reino dos Algarves, o espinhoso encargo de relatar-lhes as minhas impressões.

As que lhes envie de Vila Real e de Tavira, a egrégia cidade do Mestre Gualdim Pais, saíram mais estropiadas do que se estivessem perto do monte Verdum, junto do seu inexpugnável forte!

Olhem, lá! um favorzinho: digam aos tipografos que eu dispense, de bom grado a sua obsequiosa colaboração...

Cheguei a Faro com não sei com quantas horas de atraso e quando me lamentava da demora, perto do moço que se aprontava para transportar as minhas malas ao Louletano, logo um sujeito, alto, espatulado, que fumava tranquilamente um enorme charuto, me disse, com benevolencia:

—Não ha que extranhar, meu caro sr., desde que estamos em guerra, os comboios chegam sempre tarde.

São movidos a lenha!

—E quem se alenha com as demoras são os pobres passageiros, disse eu cortejando o meu interlocutor e correndo veloz para o Hotel, aguilhoado pela mais caninas das fomes!

O Hotel Louletano é dos melhores, senão o melhor que tenho topado por estes Algarves, dá-quem-mar. Tem confort e acoço; os compartimentos são arejados e limpos e, para que se faça uma ideia do progresso, basta dizer-lhes que... tambem tem casa de banho, o que em hoteis da provincia é tão raro como um melro branco.

Depois do café, pedi jornais da localidade e enquanto saboreava um cigarro, tratei de deixar-me influenciar pelo meio, lendo-os de fio a pavio, desde o artigo de fundo até á pagina dos anuncios.

Escuso de dizer-lhes que deste meu gesto, algo heroico, se me resultava ficar in herbis, quando á partida do sr. Fulano, ou á chegada do sr. Beltrano, dava me ensejo de ajuizar, embora confusamente, o sentir geral de uma cidade, que logo a primeira vista me pareceu abundante em snobs e em... môscas.

Em todos, Sul, Heraldo e Algarve tal o nome da trindade que por aqui busina os successos e acontecimentos, topei com uma noticia que me deu no gôto. Uma Exposição de Arte no Teatro Letic.

Aquilo era um achado para mim, tanto mais que, tendo-me Vocês, arvorado em cronista e sendo as exposições de arte o assunto sobre que qualquer mortal possui mais ampla liberdade para dizer coisas sublimes ou disparatadas, mal terminei o suave cigarro, dispuz-me a ir até esse «Letic», que pelo nome não perca,

ver a tal exposição de Arte annunciada pelos periodicos do velho reino mouro.

O meu guia, levou-me através de um labirinto de ruas inexpressivas, com predios antigos e feios, entre predios modernos, feios tambem. Vê-se que o indígena não sente a preocupação architectural e isso, francamente, é lastimável porque assim, obstinado na sua mania de construir casas abarracadas, como aqui lhes chamam, consegue dar um miserável aspecto á cidade e... horror! obrigam-nos a calcurriar sempre debaixo das ardensias do sol, em plena cidade, como no mais arido deserto de Africa!

Depois de uma soalheira enorme, que parecia querer frigar-me os miolos dentro do cráneo, chegamos por fim ao «Letic», antigo convento ou collegio de Jesuitas, que um homem de bom gosto, falecido ha perto de 20 anos, o dr. Cumano, transformou em teatro e que ha poucos anos, a sua viuva restaurou, dotando-o de belos corredores mosaicados, onde foi grato á minha pessoa encalmada, receber á frescura quasi claustral que por ali dominava.

E o caso é que me puz a espirar com tal furia—Vocês sabem como eu espiro e o tempo que levo a espirar!—que até puz em debandada um grupo de damas que para mim se dirigia a vender flores!

Logo que regressei a mim proprio, estabelecida que foi a minha normalidade nazo—respiratoria e adquiridas algumas flores, avancei pelo corredor.

A meio, e sem ver sinal de quadros, perguntei a um sujeito edoso onde era a exposição.

Volte á direita, e entre na primeira porta á esquerda, me disse o veneravel personagem, em quem só por estas sumarias indicações logo o meu faro de reporter lobrigou um homem de teatro.

Segui o conselho que me fora dado. A volta á direita encontrei-me numa especie de acanhado atrio, ao fundo do qual, sobre uma meza havia copos e garrafas com agua entre pedestais pintados a óca, onde bustos e estatuetas de gesso—adormeciam sonolentos e, naturalmente encalmados como eu. Perto, numa mesa de tampo de pedra, lobriguei, os catalogos. Tomei um e assim apetrechado, penetrei na sala da exposição.

Não mintio afirmando que estive cinco minutos numa vertigem de cores, num rodopio de manchas que, sem deixar-me ver os quadros expostos, nem ajuizar do seu valor, me lembrava que não era uma exposição de Arte o que me tinha deante dos olhos, mas sim o verdadeiro, o genuino gibão de Arlequim, rasgado em pedacinhos e estes atirados á tóa de encontro ás paredes!

Passada esta primeira impressão, avancei corajosamente, pela sala, forte no meu desejo de ver os quadros, e pouco a pouco, *petit a petit*, fui dirigindo o meu exame, primeiro sumário, ponta a ponta, depois em *detalle*, analisando tanto quanto possível aquele verdadeiro bazar de telas e desenhos, com a minha cons-

LICEU «PEDRO NUNES».

Retiraram na terça-feira para Lisboa os alunos do 6.º e 7.º anos do Liceu Pedro Nunes, que, acompanhados do seu reitor, dr. Sá e Oliveira e de um outro professor, visitaram esta cidade onde foram optivamente recebidos pela academia cittadina.

Foi-lhes oferecido um copo de agua, não licu, servido pelas alunas e na segunda-feira, um baile no Grémio, que esteve concorridissimo.

Os excursionistas levaram as melhores impressões da recepção que lhes foi feita.

Trespasam-se

A Merceria e Drogeria Sabath.

picia auctoridade de velho dicipulo de José Malhoa.

Deste exame saíram para o meu cerebro uma serie de problemas para os quais ainda hoje não consegui dar resposta e que passo a enumerar com metodo, sistema e ordem, tres coisas essenciaes que muita gente bem intencionada desconhece por completo.

1.º—Porque motivo sendo a sala da exposição de tão exiguas dimensões, os expositores ainda a cercaram, armando por toda ela uma especie de feia armação de madeira, onde dependuraram os seus paineis?

Estes, devido a um tal excesso de máu gosto, eram todos rodeados de sombra que brigava á valentona com todos os tons dos quadros e, a meu ver, o prejudicava fortemente.

2.º—Porque razão se collocaram em frente das janelas,—janelas baixas e engradadas ainda por cima! os quadros do primeiro expositor, sr. Lyster Franco, os quais, feitos quasi todos á espátula, se tornavam invisiveis, e sem nos darem a impressão que decerto dariam se por exemplo os tivessem collocado na parede do fundo, ou nas outras, rebendo luz pela esquerda?

Tive o cuidado de verificar o que lhes afirmo e por isso não posso deixar de lastimar o sr. Lyster Franco, tão maltratado pelos organizadores da Exposição que, não contentes em lhe collocarem os seus belos carvões para baixo da *cimaise*, onde só em posições grotescas podiamos vê-los, lhe fizeram sossobrar o efeito dos trabalhos a espátula que, como qualquer leigo, em questões de arte sabe, requerem luz sempre identica áquelle em que foram trabalhados e ampla distancia que permita a fusão dos varios tons.

Deste expositor, notei uniformidade na maneira de conseguir os efeitos, nos *fusains*; variedade extrema, na dos esquisos, esbocetos e paisagens.

Ai, vê-se que o artista ainda não adoptou uma forma definitiva e tanto lhe apraz atirar as tintas fortemente, voluptuosamente, com a espátula á tcla (*Caminho da Fonte dos Amores, Caminho dos Moínhos, Tronco morto, Trecho da Mata e Recanto da Mata etc.*) como pinta-las finamente, detalhadamente, em lineamentos azues, obtendo a transparencia pela empastagem de tons abundantes em cobalto! *Aialho, Um corrégo, Esgravatadouro e Barranco dos Castanheiros*, suficientes para acreditarem um paisagista.

Na mancha—*Trecho da Serra*—que é de uma grande emotividade, apparecem concatenados os dois processos. Será esta a maneira definitiva do artista a traduzir paisagem?

Não sabemos, não o averiguámos. Para nós o *Trecho da Serra*, é um belo bocado de pintura, uma tela que por si só fazia com nome, assim como os carvões *Sobreiras* rico de cor e trabalhado com largueza, *Moínhos* e *Varzea de Colares*. Passei depois a analisar os esquisos, on-

de o artista, dando largas á sua fantasia, (*Mouras Encantadas e Entrada de Ibn Amar em Silves*) provou a um tempo quanto presa a historia do seu Algarve.

A *Tomada de Faro* (que eu não adquiri por o auctor não ter posto á venda nenhum dos esboços, segundo delicadamente me informou um dos expositores presentes, creio que o sr. Porfirio, tem é an. vibra de patriotismo, é empolgante! Estas qualidades mais atenuadas, existem tambem na *Conquista de Tavira* e na scena episódica da vida do *Infante, armando cavaleiro a Gil Eannes*. O *Incendio e Saque de Faro*, ostentam um forte colorido dando-nos na garabulha dos vários tons um magnifico aspecto que me fez lembrar os quadros de Goya.

Afonso III, após a tomada de Faro, e o *Infante D. Henrique em Sagres* são composições fracas, boas para quem não possuisse as faculdades de compositor, que nos outros esboços tão brilhantemente o sr. Lyster Franco apresenta.

Ha, depois, os esboços, *Anjo, bonito de cor, mas ressumando tristeza*; *Compunge-nos, naturalmente, a dor daquelle pobre mãe que chora junta do cadaver do seu querido filho morto, rodeado de lumes estremecentes.*

E' uma tela que evoca lembranças de Charles Cottet, o extranho pintor dos *Feux de la Saint-Jean*. Era já noite cerrada, esboço feito sobre o motivo da conhecida poesia de João de Deus, tem sentimento, e uma nuance bem achada, mas estava tão mal colocado que só depois de uns minutos da laboriosa deligencia o conseguimos ver e assim mesmo, só a tres quartos, porque de frente a luz lambia-o por completo, roubando-lhe todos os efeitos para o transformar numa superficie brilhante!

Outono triste, tem sentimento, mas vê-se que o artista descurou um tanto o assunto. Só assim se explica a existencia daquela cadeira em que se assenta a figura e que o espectador não sabe se é de palha da Ilha ou se, feito de granito, ali está algum cadeirão dos velhos faróis do Egipto.

A seguir, lá para as alturas do teto, chama a nossa attenção uma curiosa série de pequenos quadros representando cabeças. São, na sua maioria, belos tipos populares, reproduzidos com a maior naturalidade e se, como joio entre o trigo, nos apparece a cabeça do *velho modelo*, que está apenas esboçada e que mais parece um velho tenor de opera mascarado de Frade, ou, mais realmente magistral, sobberbas de desenho e colorido, tais como *Martiniano* e a tia *Vicência* que os mestres não desdenhariam assinar.

Depois, ha um estudo de ar livre *João* que não extremamos, porque nos parece inferior aos trabalhos que apontamos.

Segue-se o grande esboço, *Farandola das Vigens Mortas*—tela pesadelo, terror das meninas histericas e dos medrosos, em que o auctor fantasiou uma série de amortalhadas que dançam no ar qualquer Sabat da sua predilecção. Ao fundo perspectiva-se um cemiterio. A fazeti *pendant* com esta tela, ha outra—*Sobre a nudez forte da Verdade*.

E' tambem um esboço. Mais simples e mais bela de cor, esta tela, que eu prefiro á *Farandola*, encantou-me pelas finas tonalidades do fundo e ainda mais pela factura, que me pareceu, dada a transparencia das tintas, singela, primitiva e fresca. Mas os motivos que são machabros, desagradaram-me...

Miss Mary é uma cabeceira vulgarmente tratada. A *Montanha* ha um estudo consciencioso. *Velho Alargio* uma bela cabeça de ancão; o estudo para o retrato de *Mademoiselle Angela* é bem observado. Aquella boca ligeiramente curvada em leve sorriso, aquelles grandes olhos cheios de luz, têm meiguice e doçura e os cabelos trançados, que lhe aureolam a testa—são diffíceis de tratar em pintura, são primorosos de leveza. E' suggestiva deveras a tela *Cigana* onde, apesar de o artista ter abusado das terras e dos humes, á maneira dos antigos, nos deu um rosto cheio de vida e uns olhos cheios de angustiosas dores.

Na parede do fundo, entre outras ha, duas telas que marcam, que se distinguem e que a olhos que saibam ver, encantam e atraem. São as designadas por *Maria Clara* e *Rosita*. Não ha ali tons berrantes nem alacridades que atordem; não ha violências de claro-escuro nem rebucados efeitos tão indêmitos dos ateliêres.

Ha uma deliciosa sobriedade, uma candura que os impõe, com dois estudos valiosos, excellentemente modelados, ricos em transparencias e de um efeito tão simples que decerto deveria epater olhos habituados ás cores farfelhantes da paisagem algarvia, banhada sempre de um sol caustico, que só permite gradações nas tonalidades, nos dias húmidos.

Resumindo, parece-nos que ao sr. Lyster Franco, cuja produção é realmente assombrosa, está reservado um grande futuro, nos domínios da Arte, mas, perdoo-nos o conselho, deixe-se de pintar coisas funebres, deixe os cemiterios e os mortos em paz e dê-nos visões da vida no que ela tem de mais sentimental e candido. O artista da patriótica *Tomada de Faro*, da linda tela cheia de bucolismo que é o *Mocho do Pouca Chupa*, o insigne carvoista da *Arvore Velha*, não tem o

direito de entregar-se á sua propria emotividade, despresando e rompendo preconceitos!

Falemos agora do sr. Raul Carneiro. Este sr. é discípulo de Columbano, não o pode negar. Conhece-se á legua pelo empastar da tinta e sobriedade de cor das telas que expõe e que se me afiguram trabalhos conscienciosos e de real valor. *Lolita*, a sua maior tela, está tratada com mimo, com muita arte, me-mu; e se entrasse-mos em linha de conta com as dificuldades a vencer para reproduzir uma garota como a representada, temos que considerar aquella tela a melhor de quantas expoz, seguindo-se-lhe a cabeça de *velha* (*Tia Leocadia*) a *Mulata* e a *Bohème roxa*, dois trechos de pintura bem feita, mas onde não vislumbrei o fito a atingir. A *Espanhola* é um protesto veemente contra a união ibérica tão falada agora. O modelo é feio, e a boca seria por certo feissima visto que ela com tanto cuidado a tapa com o seu leque barato.

A *cabeça de garoto* (pochade) é boa. Está bem feita. *Casal do Amancio*, é uma mancha bonita, em que prima a nota avermelhada. *Trecho do Alfeite*, é uma interessante pochade, tratada com largueza. Não gostámos do *Crepusculo Tardio*. E' uma tela onde não ha a fluidez da hora crepuscular, por muito tardia que ela seja. A vela do barco tem uma opacidade excessiva e as aguas, além de quietas, não têm refracção nem transparencia.

O *modelo*, é um simpatico cavallo que parece querer sorrir para quantos cavalleiros da sua raça desfilam diante dele e que talvez não tenham sido poucos. Não sabemos porque razão o artista o encarpitou sobre todos os seus trabalhos que assim dispostos, bem mal por sinal, como todos os outros, lembram qualquer coisa de um triunfo romano em honra do cavallo de Caligula, por exemplo, se a memoria não me traíça.

A *tentação do Santo Antonio*, foi um esboço que não conseguimos ver por mais que o procurassemos. *Eunice*, outro esboço, esse vimos-lo. E' vigoroso de cor, mas não tem espiritalidade alguma. Aquella *Eunice* não é a mulher naturalmente esteta e apaixonada pelas formas viris de Peironio o *Satirico*, que nos descreve Siemkewich. E' uma camponesa rude, adiposa, grosseira, que as necessidades da vida obrigam a pousar e que o artista talvez á falta de melhor, aproveitou para modelo pelo que não o felicitamos. A *cabeça de velho* é largamente marcada e tem boa cor.

Um *trecho da quinta do Alfeite* é uma aguarela deliciosa de frescura e tratada com mimo.

As suas *sanguineas*, desenhos a dois lapis e *gisselos e carboes*, são frescos e bem tratados. Acusam firmeza de traço e pleno conhecimento da forma.

Conhecemos trabalhos de Antonio Carneiro bem inferiores e mais reclamados. Pois Antonio Carneiro não desenha melhor do que Raul Carneiro, registre-se.

Seguem-se na ordem da disposição catalogal e expositiva, os pastéis do sr. Porfirio. Debalde ali se procuram formas; o desenho brilha pela ausencia o que aliado a umas tonalidades berrantes e falsas, fazem dos pastéis do sr. Porfirio um verdadeiro atrativo para olhos de negros mas que não resistem ao mais leve exame critico. Isto, em geral; circunstando, ha coisas aceitaveis, como *Tarde de primavera*, *Noturno* e *Silencio*; mas as suas figuras são todas monstruosas, desequilibradas, filiformes, sem anatomia, e todas semelhantes, entre si, formando uma irmandade grotesca que irritaria, que chegaria mesmo a indignar, se o sr. Porfirio não tivesse tomado a impressindivel precaução de envolver-las todas em bocados do *arco-da-velha*, que é pelos modos, a mais recente criação colorida que o *futurismo* nos oferece. O sr. Porfirio é um novo e revela, através do seu desordenamento visual e das suas aberrações, qualidades muito aproveitaveis. Dedique-se ao estudo da figura classica, ao do nu, para não tornar a cair no disparate que nos fornece sob o titulo de *Salomé*, e que só é desculpavel uma vez, e se lhe parecer muito limitado, o ambito das telas de quadros, dedique-se á decoração ou á scenografia, que são excellentes ramos de Arte, onde constituem brilhantes qualidades as exuberancias de colorido que nos mostra. Em finais de acto de magia, com fogos de bengala, e trémpulos de orquestra fariam lindamente os seus quadros.

Assim, não!

Estude, trabalhe, appareça depois e deixe-se da preocupação de exagerar a cor. Copie fielmente a natureza, saiba observá-la e verá que os efeitos que ela fornece são sempre bem mais subis e bem mais finos de colorido do que todo esse cambiante falsissimo que empregou, que fere os olhos sensíveis e só pode agradar a negros se é verdade estes preferiram as cores berrantes, como dizem os brancos! Segue-se o sr. Jorge Barradas, com os seus *pastéis e aguarelas*.

Este sr.—que tem pretensões a humorista, preocupa-se até ao exagero com certos detalhes, que prejudicam a sua obra. Assim, no *Angelus* e no *Vent mauvais*, a sua preocupação de esmiuçar vai até á marcação do ponto brilhante das *bijuterias* que as figurinhas ostentam e até á

estampagem das flores da caixa que uma sustem! Isto, em trabalhos ligeiros, que devem ter a transparencia do Champagne, para conseguirem realmente o fito a que se propõem, é, segundo o nosso critério, um grande erro, perfeitamente escusado no sr. Barradas, que no *Camara-de* e nos *Vieux Satyres*, no *Gavroche* e em *Une femme que je ne connais pas* prova a evidencia saber prescindir de tuis chinezices, que só prejudicam o valor real, por que o tem, do seu desenho, a nosso ver por vezes muito *cherché* para humorismo.

A cor das suas aguarelas é sóbria, enternecedora; até seria de mais para fazer rir. Alguns trabalhos primam por sentimentalidade e se lhe excluíssemos exageros, que justificam a sua pretensão humorista, seriam verdadeiras obras, impregnadas de suggestiva melancolia (*Ultimas Flores*, *Costureirinha lisboeta*); o sr. Jorge Barradas tambem não pode felicitarse do conjunto oferecido pelos seus trabalhos, que fariam bem ocupando só eles, pelo menos, metade da sala.

Aqui têm, meus amigos, a minha opiniao critica acerca da Exposição de Arte tão reclamada pelos periodicos farenenses. Escrevi quasi sobre o joelho, tomando rapidos apontamentos sobre o catalogo e estribando-me na minha absoluta imparcialidade, pois não conheço nenhum dos expositores, nem outros seus trabalhos; apenas conhecia alguns de Barradas, de os ver, se bem me lembro, ha dois ou tres anos, expostos na capital.

Concluindo: em quatro ou cinco salas a exposição de Arte seria aceitavel, assim constituia para mim um pesadelo, pois quasi só com oculos fumados podia ver tanto quadro, tanta cor, tanto desenho e creiam, ainda fico a matutar na razão ou razões imperiosas que levaram os expositores a diminuir a sala com as desgraçadas ripas de madeira que tanto a afeavam. Porque preferiram aquella sala?

Acaso não haveria outra melhor em Faro?

Aquella seria boa para um *dulce far niente*, uma partida de xadrez ou de bilhar, mas para expor quadros... Valha-tos Deus!

Até para a semana.

José Braz.

P. E. occupamos a pagina a seguir.

Agora, prestes a remeter-vos esta carta, obtive quasi por acaso a solução dos meus de dois enigmas, das minhas duas interrogações. Um amavel hospede do Louletano com quem travei conversa acerca da exposição de Arte, explicou-me que o caso das ripas visava a resguardar a polpa das paredes da sala ás alfinetadas dos pregos!

E bem achada, não lhes parece!

Quanto á preferéncia dada aquelle tão pouco proprio *apartement*, motivou-o o caso de se pretender tornar a Exposição uma fonte de receita a favor do Hospital de Faro, que segundo a voz corrente, está a tenir.

Se assim é, bem está e só ha a louvar os expositores pelo seu gesto.

Disse-me o meu amavel informador, que a presença da *gente do bom tom* na exposição compensaria os artistas da ausencia do *bom gosto*.

Fraça compensação, a meu ver. Emfim, o que desejo é que os senhores expositores, para a outra vez, zelem mais os seus proprios interesses e arranjem sala mais adequada aos efeitos pinturais, deixando as casas escuras ás poses plasticas das baratas e das carochas, que segundo dizia a minha avó-torta, tambem são filhas de Deus!

NOTA

Não nos occupamos a fazer considerações ao interessante artigo do sr. José Braz se se tratasse de qualquer *arvista*, desses que ás vezes surgem, pelos gazetes, picados da brotojei na notabilidade que os leva a tirar de Arte com o mesmo desprante com que fariam de qualquer outro assunto de que não percebessem.

Mas o sr. Braz parece-nos consciencioso, diz coisas acertadas e diz-se discípulo de Malhoa.

E' portanto um homem do *metier* e essa qualidade impõe-nos o dever de algumas elucidações. Saiba, pois, que a colocação dos quadros foi feita muito á última hora, sem plano previo, e, comecada ao entardecer, concluiu-se a altas horas da noite e que todos os expositores, tendo em vista o aspecto da sala, concordaram em arrumar a melhor possivel ali os seus quadros, a principiar de um lado e a terminar no outro.

Não houve propriamente um encaregado de dispor os quadros, visto as condições da sala terem desagradado a todos. Mas espontaneamente tinham tomado o compromisso de fazer ali a exposição, com entradas pagas, a favor do Hospital e nem por um momento hesitaram em honrar o seu compromisso, embora sob o risco de serem malinados fosse por quem fosse.

Tambem não houve o proposito de collocar mal os carvoes de quem escrevo estas linhas. A falta de revestimento no corredor, onde tambem nada se podia pregar, é que motivou a colocação deles sob a *cimaise*, por baixo dos quadros a olho e mesmo assim, a falta de espaço foi tão grande, que nem tudo o que estava no catalogo pôde ser exposto. Esta é a verdade e aceite-o sr. Braz com os nossos agradecimentos pelas *amáveis* referências que nos dispensa no seu belo artigo.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

CANÇÃO ALENTEJANA

Coração, ai, coração,
Pra que é que tu sofres tanto?
Deixa-me enxugar o pranto,
Coração, ai, coração!

Se é por ela que tu sofres,
Diz-me lá, ó coração!
Por quem é essa paixão?
Se é por ela que tu sofres.

Coração, ai, coração,
Que onda negra de amargura
Te fez fugir a ventura
Coração, ai, coração!

O coração pequenino
Tam grande para sofrer!
Maior dor não pôde haver
Num coração pequenino!

Do quadro novo da revista «Palmadinhas»

JOSÉ DIAS SANCHO.

FUTURISMO

LITORAL

amadeu de souza cardoso

por

José de ALMADA-NEGREIROS

espasmos de praiamar transbordam invasão
a areia mergulha pró fundo do Mar plos olhos do

desvirgados á prôa
cio do Mar
que da vela Latina?
Sinhora da Livramento
Leilão de salvados
a Costa
Forte da Barra
o retrato do Piloto a cêbo d'Hollanda e
sabots d'Alfandega e cachimbo motor
Taverna Marítima
Keap marujo Inglez

Nivel 12 cuidado co'os helices

BELFAST

a Grande Cheia, ou matavismos do Diluvio
o medo das rochas encolhidas ao luar
redemoinhos do perigo perpendicular
o brilho do oleo Negro
o dever do farol que nem parece tão grande
de por dentro
as dunas
as furnas
as zórras de Noite
afinal o farol por dentro é uma casa
mas eu não queria ser o faroleiro!
osgas de velludo velho amarello pra dentro
começos de bruxas a acabarem em saudades do arraial

Castello dos mouros
restos de sarracenos
A lua a miar
na cisterna
a sineta pró café
licença pra ir a terra
estrela das tamangueiras
alcachofras fogueiras á idade de casar
fogo-de-vista e frio longe da febre
a Kermesse só é bonita quando eu estou doente
Santo Antonio de Lisboa e cigarros 60
o sol-e-dó não tocou mais depois da desordem
huatê de Sines
Posta restante
hotel Silva por cima da farmacia
acordar ás 8 o sr. capitão
Stella matutina Jornaes da manha

O DIA

a areia descalça espoja-se na sesta a despir os olhos de cio
o Sol é macho e relincha
Carthago no verão
epoca balnear
Linha do Norte
Rocio-Campanha
estrada rial e tango
descripção musical dos moínhos do vento
Estação Telegrafo Postal
bem pescaria alegre 66 banhos número par Laura

chalet com vista pró Mar aluga-se

Terras-Siennas d'olaria lisa no Fórnio da Telha

o oleiro fez um Tacho cada vez maior
senão fôsse a praga da carvoeira não tinha ella ancas de bilha

Jarrão de barro vidrado Recorda-
ção das thermas
Agua salobra sabão de lavar loi-
a borricada lette de passeio
o trevo de quatro folhas
morangos pra sobremeza Collares Vira
ya Gomes

Linha Cintra-Oceano
Seteas Rembrandt Agua-forte
saia-balão setim-Penumbra
foot-ball domingo meios preços incarnado e branco
guerra da independencia terrestre
não é permitida a entrada pró picnic taxo
chita de domingo III classe a dormitar lamparina
frio grillos pyrilampos vae chover
a Maria perdeu o broche
se o tunal caissa!
agoiro borboleta preta é mau signal
a cigana de latão tem uma saia de amarello esborrachado
o homem dos cães a tocar tambor sustantivo
o navio ao longe cheira a estearina no caixote
o mirante o óculo bric-à-brac
Mãe! mata o chalet
Antes quero ser o faroleiro
cara d'ocarina de barro pintado partiu-se a unha da
a fotografia Salles
Escola de Marinheiros Maregrato
natação Club Naval

A MARGEM

Grandes regatas de vela Nautica
Taça Tejo Grande Premio de Lisboa
Prova final

CINZENTANIA

rezenha obliqua d'invernia clave
sinfonia agreste dos cilindros foscos
penúgem neve dos repuxos falsos
na passagem do regimento com ferrugem de tambôres
dedal de prata por detraz dos vidros bacos
á espera do boneco de estampar que foi
o correio não trouxe nada pena sair mal
Acre ozone de artebol cinzento mata-borrão-azia
Santa-Barbara Azul d'Inverno
faz frio no peito lá em cima no tombadi-
lhos
a chover a fazer Sol estão-se as bruxas a pentear
Historia tragico-maritima
o crime da varina Azinhaga
sociedade filarmónica Vasco da Gama
Vendeiras de laranjas filipina
sotaque phenicio das varinas

tricanas Arrufadas Coimbra B
fado tinto e sentimental
Astrakan máltez de misticismo bárbaro
perfil britado em ceitil-museu
rial d'agua icado do Aqueeducto Velho
pró banco da Mina co'a rodilha ao lado
esteve aqui a Rosa Maria do dia 7 de Maio de 1916
com o poeta futurista

José de ALMADA-NEGREIROS

CINE-TEATRO

É definitivamente nos dias 6, 9 e 10 de Julho próximo que se realisam os espectáculos pela Tournée Carlos d'Oliveira, da qual fazem parte as actrizes de grande merito.

Lucinda de Simões, e Emilia d'Oliveira, e o nosso conhecido actor Carlos d'Oliveira, além d'outros distintos artistas—

O repertorio é composto de peças tais como *Mancha que Limpa*, *Carta*, *Esmeralda*, *Manhã de Sol*—*Os Inseparáveis* etc.

No domingo 8, oferece Carlos d'Oliveira uma matinee em beneficio da Cossinha Economica, e Hospital civil, revertendo o producto para estas duas instituições de caridades, sendo esta matinee em homenagem á comissão promotora da Cossinha Economica.

POR ESSE MUNDO

O Exercito da Salvação

A actualidade londrina neste momento consiste no Congresso que realisa na capital o famoso Exercito da Salvação.

Diariamente ha manifestações com cornetas, clarins e tambores. Os salvacionistas invadem as praças e discursam durante horas inteiras, exortando os seus ouvintes a não beber, a não fumar e a não jogar, empregando contra estes vicios os seus melhores argumentos.

Os jornais, dizem que segundo se viu neste Congresso, os salvacionistas adquiriram na America do Norte e na Nova Zelândia importancia enorme, de alguns anos a esta parte.

Os salvacionistas norte-americanos compoem 756 batalhões e custeiam 18 casas para mulheres caídas, tres maternidades, 70 asilos para operarios dos dois sexos sem trabalho, 24 casas para criação de crianças, trez granjas, 25 oficinas industriais e 22 agencias encarregadas de encontrar as direcções perdidas dos amigos e parentes.

Neste Congresso apresentaram-se 422 ex-borrachos, 47 ex-ladroses, 12 ex-boxeadores profissionais e 58 ex-corretores de apostas («bookmakers»), acusando-se dos seus pecados e contando sucintamente como se converteram.

Houve alguns incidentes verdadeiramente comicos.

Um «ex-bookmaker», dizia:

—Sou um grande pecador. Fazia ganhar a aposta a quem me dava mais dinheiro!

—Ah! bandido!—rugiu um dos salvacionistas.—Bem te conheço. Tu foste o mariola que no ano passado me fez perder cem libras esterlinas no hipodromo!

E queria a todo o transe dar-lhe ali mesmo uma sova, o que não chegou a fazer, graças á intervenção de um coronel.

Entre os delegados figuram chinos, japoneses, indostanicos, habitantes de Java e Sumatra, anamitas, egipcios, caftres, zulus, bechnanas, hotentotes, australianos, canadenses, tasmanios e tahitianos.

Serviço regular de viagens aereas

Constituiu-se em Londres uma sociedade financeira, que se propõe montar o serviço de comunicação regular pela via aerea entre aquela capital e Paris.

A companhia vai mandar construir para começar, dois aerostados dirigiveis em França e outros dois que poderão levar 20 passageiros, além do pessoal da tripulação.

As viagens durarão seis horas e o preço de cada passagem será de 250 francos.

O itinerario será o seguinte: Londres, Brighton, Dieps, Vale do Sena, Paris.

Este projecto, como é natural, despertou grande interesse em Londres e em todo o Reino Unido.

A DESPOPULAÇÃO E SEUS EFEITOS

A despopulação, segundo a definiu um eminente medico, é uma entidade morbida especial que se caracteriza por um excesso da mortalidade sobre a natalidade.

Mas ha que distinguir duas classes de despopulação: uma relativa e outra absoluta.

Com a despopulação relativa, um país vê aumentar a sua população, é certo, mas em grau tão debil e com lentidão tal, que na realidade a nação se despoporta em relação a outras nações de mais forte natalidade, onde aumenta muito o numero dos habitantes.

A despopulação, relativa ou absoluta, é um indicio de decadencia num povo. Varios países a conhecem, e até na Alemanha, cuja natalidade tem sido intensissima, se desenharam nos ultimos anos um decrescimo no numero de nascimentos, que nem por ser ligeiro deixou de causar certo alarme na opinião patriótica e de suscitar o emprego de medidas energicas por parte dos governantes.

A França, é, porém, o país onde este problema oferece caracteres mais assustadores, e por isso constitui ele um objecto de graves preocupações e de constantes sobressaltos. Todos os anos, ao serem conhecidas as estatísticas demograficas, resuscitam as discussões sobre este assunto; sempre se apresentam novos alvires para combater o mal e ainda não se atinou com o remedio eficaz.

A França sofre da despopulação relativa que vai paulatinamente fazendo a sua obra aniquiladora e já chegou a conhecer a despopulação absoluta em quatro anos da decada de 1890-1899: foram os anos 1890, 1891, 1892 e 1895.

Um illustre sociologo disse que esta despopulação relativa ou absoluta, é a ruína; é a fatal condenação da França. E acrescentou:

É uma enfermidade social e nacional, uma inimiga temivel e lenta, uma afeção abstracta e pouco mais ou menos generalizada, que não se sente e não se vê, sobre tudo na vida populosa de Paris, mas que nos mata lentamente, sem causar soffrimento ao individuo, mas trazendo todos os dias uma diminuição exacta das formas familiares e nacionais, que são as unicas que conta a humanidade de hoje.

A revista «Avenir Economique» publicou uma estatística comparada da população das grandes potencias europeias em 1789, que era a seguinte:

Russia, 28 milhões de habitantes; Alemanha 28 milhões; Austria, 18; Inglaterra, 19; e França 26.

Segundo cálculos baseados nas estatísticas de diferentes nações, dentro de trinta e sete anos, ou seja no fim da primeira metade do presente século a população das grandes potencias será a seguinte:

Russia, 300 milhões de habitantes; Alemanha, 95 milhões; Austria-Hungria, 70; Inglaterra, 60; França, 43.

Antes da Revolução não existia em França a estatística organizada, mas no seu importante estudo publicado em 1784 sobre a «Administração da Fazenda» Necker calculava em 182.000 o excedente anual dos nascimentos sobre os obitos. Era a proporção média, pouco mais ou menos mantida pelos Estados Europeus e que a França perdeu.

Em 1789 a França possuía mais da quarta parte da população total das grandes potencias.

Roger Dehary diz, no seu interessante livro «Um país de solteiros e de filhos unicos».

«A grandeza da França não procedia somente duma civilização mais avançada e de uma unidade mais perfeita; procedia sobre tudo, embora isto não se diga habitualmente, de uma população mais numerosa».

Hoje a população da França não alcança mais que uma decima parte do total da população das grandes potencias, cujo quadro é o seguinte:

Russia, 129 milhões de habitantes; Alemanha, 64 milhões; Austria, 51, 3; Inglaterra, 44, 5; França, 39, 2.

NOTICIARIO

Uma comissão de operarios da fabrica Latoaria Portuguesa entregou uma representação ao sr. Ernesto Navarro, dirigida ao ministro do trabalho, protestando contra o agambarcamento da folha de Flandres, que está não só fazendo com que aquela importante fabrica falte ao confeccionamento dos varios trabalhos que lhe foram encomendados pelo governo para a mobilização do nosso exercito, como tambem ocasionando a sua paralisação, causando, portanto, isso a miseria do pessoal que ali trabalha.

Como já dissemos, são 8 os navios alemães que estavam destinados á Inglaterra e que o governo pediu para esta os dispensar, a fim de serem explorados por conta do Estado.

O sr. ministro do fomento apresentou na camara dos deputados um protesto alterando as disposições da lei de minas.

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda manifestaram-se em Lisboa 16 casos de difteria, 8 de febre tifóide, 8 de Sarampo, 1 de tosse convulsa e 2 de variola.

O engenheiro sr. Duro Sequeira foi nomeado para sindicar sobre diversos factos ocorridos ultimamente no serviço de tracção e officinas dos caminhos de ferro do Sul e Oeste.

Vai ser paga á Empresa Nacional de Navegação a quantia de 3:500\$00, proveniente de transporte de encomendas postais expedidas de Janeiro a Abril do corrente ano para as nossas colonias de Africa Oriental e Occidental.

Por iniciativa da «Esmeralda» vai ser levada a efeito uma assembleia magna de ourives portugueses para estudar o melhor meio de nacionalisar a industria de ourivesaria, assim como a maneira mais pratica e rapida de levar por diante a idéa do commercio de exportação.

Pariu do Porto para as pedras Salgadas a sr.^a D. Adalina Rosado Judice Samora.

O sr. Luiz Augusto Vitor Xavier foi enopnorado de substituto do juiz de direito de Tavira.

Foram indeferidos todos os requerimentos de exame de alunos externos na Escola Industrial e Commercial «Pedro Nunes».

O sr. Manuel Simões da Costa foi no-

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Péles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

MAQUINAS E ACESSORIOS

PARA AS INDUSTRIAS E AGRICULTURA

MOTORES ELECTRICOS DE VARIAS VOLTAGENS.

DINAMOS

DE VARIAS AMPERAGENS

Dos mais afamados

constructores

O MAIOR

DEPOSITO DO PAIZ

John M. Sumner & C.^o

SUCESSORES

BAPTISTA, FILHO & C.^a

29, Avenida da Liberdade, 37

LISBOA



TONICO AMARELO VITELINA

Higiene dos cabelos

Preparado por J. Fernandes

O unico que tem preparado este tónico durante 20 anos

E' este o verdadeiro TONICO AMARELO VITELINA

Com o seu uso obtem-se: Cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos. Impede a sua queda, limpa a caspa e conserva a cor e brilho natural.

FRASCO 360 (600 reis)

Para a provincia acresce a embalagem, porte e registo (\$20)

Registe-se o que não tiver esta marca registada

Deposito principal: J. DELIGANT — R. Sapateiros, 15 — LISBOA

REMEDIO FRANCES



REMEDIO FRANCES

meado substituto do juiz de direito de Tavira.

A partir de 15 do corrente, os passageiros que tomarem os comboios «tramways» nas estações ou apeadeiros das linhas do Sul e Sueste que tenham regularmente estabelecida a venda de bilhetes deverão, previamente, munir-se dos respectivos para a estação, apeadeiro ou paragem a que se destinem.

Não o fazendo, ficarão sujeitos ao pagamento da importancia correspondente ao lugar que ocuparem, contada desde a estação, apeadeiro ou paragem anterior áquella em que tenham tomado o comboio.

Carteira

Façam anos:

Hoje, Domingo, 17.—D. Laura Eduarda Mendes Pinto, D. Maria Tereza Pires, D. Emilia de Sousa Sereia, dr. Miguel Romalho Ortigão, Joaquim Eduardo Simões e Antonio da Encarnação Batista.

Segunda-feira, 18.—D. Ana Joana da Costa Carneiro, D. Albertina Amélia de Abreu Bezal, D. Maria Florinda Campos, João Romero Reis Antonio Pinheiro, Joaquim Maltonado e o menino Artur Manuel Nogueira Aguiar.

Tercça-feira, 19.—D. Carolina da Silva Leal, D. Maria Augusta de Azevedo, D. Fernanda da Silva Gonçalves, Antonio Francisco Moreira e Manuel da Costa Passanha.

Quarta-feira, 20.—D. Maria Viana Frazão, D. Sofia Fran-

Convite e resposta

Com este titulo deve ser posto á venda, por estes dias, um opusculo de Bazilio Telles. A edição é da Biblioteca Portuguesa—Editora, cuja sede é na travessa do Cedofeita, 54—Porto.

Ficam desde já avisados os que dão o devido apreço ás obras dos bons escritores, de que vão ter momentos de intima satisfação com a leitura do novo opusculo. A este seguir-se-hão outros.

A catastrophe do Rio de Janeiro

Concluíram-se já os trabalhos de remoção dos destroços do prédio que desabou na rua da Carioca. Verificou-se que foi de 47 o numero total dos mortos na catastrophe.

Cine-Teatro

A direcção deste Cine-Teatro faz saber que do dia 1.^o de Julho em diante é concedido aos srs. acionistas bonus de entrada nos seus bilhetes:

Acionista com 1 a 3 acções, 1 centavo.

Com 4 a 19 acções—2 centavos; com 20 a 49 acções—3 centavos; com 50 a 99 acções—4 centavos.

Cada grupo de 100 acções—1 bilhete de entrada gratuita, plateia ou balcão. Os srs. acionistas poderão requisitar no escritorio da companhia, desde o dia 20, os respectivos bilhetes de identidade.

Cine-Teatro

A direcção deste Cine-Teatro faz saber que está aberto concurso por espaço de 30 dias a contar da primeira publicação deste anuncio para o logar de Fiel do mesmo teatro. As condições do concurso acham-se patentes no escritorio da companhia.

Cine-Teatro

A direcção deste Cine-Teatro faz saber que de hoje em diante está aberta a inscrição de acções desta companhia do valor nominal de 5 escudos cada uma. Quem pretender toma-las pode faze-lo todos os dias uteis, no escritorio da mesma.

Faro, 6 de Junho de 1917.

“O Herald,”

Semanario Republicano Democrático, recebe publica e agradece todas as informações de interesse geral.

TEATRO-CIRCO

VENDE-SE um barracão de animatógrafo com todos os maquinismos e mobiliário, pronto a funcionar, com a lotação do 560 cadeiras e 700 logares de geral. Quem pretender pode dirigir-se á direcção de Cine-Teatro de Faro.

Serras de Fita, Cravadeiras e Balancés

Para fabricas de conserva, compram-se usados:

Dirigir-se a José J. M. Adelino Pereira.

Loulé.

Trespassa-se ou aluga-se uma casa com dois baixos e altos, na rua D. Francisco Gomes 24-26, quem pretender dirija-se a João Lopes do Rosário.

Agente

Oferece-se para representar fabricas de conservas para fazer vendas em Portugal, França e Inglaterra.

Dirigir carta para A. Silva, apartado 121—Lisboa.

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada 80-2.º

Telefone—n.º 695 telegramas—Boamenal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante e metódico do OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automoveis é tão sensível que osamos afirmar, sem receio de desmentido, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% do consumo primitivo.

Em motores de lubrificação automática embora os fabricantes aconselhem a limpeza do arter depois de um determinado percurso não ha receio de gripagem fazendo só esta empresa depois de um percurso deabrado ao aconselhado por esses fabricantes.

Em motores cuja lubrificação é por barboiagem a economia não sendo tão sensível atinge contudo entre 30% e 40%.

Todos os resultados obtidos com o OILDAG são verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e o menor consumo de gasolina ao fim de 100 kilometro e economia esta que atinge por vezes 15% a 20% do consumo primitivo.

Experimentar o OILDAG é usa-lo e a todos os automobilistas se roga no seu proprio interesse, um pedido a título de experiencia, que muito gostosamente satisfaremos.

VELAS "REFLEX,"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo.

Elas próprias, e automaticamente se limpam. As velas REFLEX tem por sobre qualquer outra, dobrada existencia São, por consequência, 50% mais baratas.

Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL STUDEBAKER

O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário. Para 5 passageiros.

Todos com iluminação, busina e mise-en-marche electricas por dinamo.

Pneus Michelin O melhor

KLAXONS, VULCANISADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS

Thermoid—SEMPRE EM STOK

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Ex-empregado da Livraria Popular

Livros em todos os generos, novos e usados

Depositar das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra

Faz as mesmas condições de rebenda que as proprias casas Editoras

LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Todos os livros proprio pelos preços de Lisboa

INSTRUÇÃO SECUNDARIA—ESCOLAS NORMAIS E LICEUS

Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos

Pedir o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é remetido gratuitamente

Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sena Freitas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Junior, João Chagas, Julio Dantas, Melheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto de Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arnoso, Conde de Monsaraz, Mario Monteiro, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre Antonio Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flamarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibanez, Paulo de Kock, Kropotkin, Lamartine, Larousse, Sienkiewicz, Tolstoi e Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da

RENAISSANCE PORTUGUESA

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NAC ONAES E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornaes, romances nacionais e estrangeiros

Aviso importante

Quaquer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Toda a pessoa que desejar algum artigo desta casa, devem mandar a sua importancia em vale do correio. Se não houver na casa os livros que requisitem, pedem-se imediatamente aos editores.

ALUGUER DE LIVROS

Todos os aluguadores deixam em deposito a importancia do livro alugado. Quando o restituirem deixarão 20 por cento, e receberão o restante da importancia que depositaram.

Façam todos os pedidos ao livreiro

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades

Rua D. Francisco Gomes, 40

FARO

Franco de porte

Jeronimo Dias—Barbosa

IMPORTADOR-EXPORTADOR

CHIBUT

Gaza—Africa Oriental

Mercaria e Padaria, Artigos para Europeus e Indigenas

Quinquilharias

"A ELEGANTE,"

RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da rovincia sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

HOTEL AMARO

ALBUFEIRA

As proprietarias deste hotel participam aos seus ex.ºs Freguezes que mudaram o seu hotel para novo edificio apropriado ao fim, situado no aprazível Largo da Meia Laranja.

Todos os quartos independentes e com luz propria

CONFORTO E ACEIO

AS PROPRIETARIAS,

Enestina da Piedade Amaro e Raquel do Sacramento Amaro.

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especificos de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças aos olhos, boca e dentes

Dentes artificiais

CONSULTAS TODOS OS DIAS EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 46

FARO

Moto F. N.

4 cilindros em bom estado vendem Marques & Vaz Velho Limitada

FARO

Enxofre Americano a receber brevemente

Vendem Marques & Vaz Velho Limitada

FARO

Estanho

Vende-se.

Garcia R.—R. do Ouro 274.

Lisboa.

Casa

Com oito ou dez compartimentos espaçosos, precisa-se.

Carta a esta redacção.

ANUNCIO

Anuncia-se a venda do moinho chamado—do Sobradinho.

Está proximo da linha ferrea e tem terreno que serve para edificações, prestando-se tambem para construção de fabrica ou marinha.

Recebem-se propostas em carta fechada no escritório do sr. Parai-zo Pinto, rua de Santo Antonio n.º 61 A., até 15 do proximo mez de Junho.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

COM INFANTE D. DOMINGOS, 130

—FARO—

Construção de pozos Artesianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Instrução Secundaria e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO:—1\$50)

Obras util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia, as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiencias atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida pratica; os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações numeradas da disposição dos cálculos. Este compendio contém as materias dos programas officiais para o ensino da quimica em todos os institutos de instrução secundaria e profissional, e foi adoptado, em seguida a sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normais, industriais, comerciais e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normais (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 402 gravuras. PREÇO:—1\$40

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secun-dário apresentados no concurso de 1899, e segundamente mandado adoptar em todos liceus as por Decreto, de 17 de novembro publicado no *Diário do Governo* n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disso, tambem no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numeradas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição. O seu metodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particular vantagens para se adquirir sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normais, mas tambem ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriais e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (11.ª Edição). Um volume de IV: páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO:—2\$00

Este excelente livro de fisica foi preferido por unanimidade pela Comissão, nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso geral de 1899, e segundamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diário do Governo* n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente actualizada e revisada geral do estudo da fisica nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanham os programas do curso complementar, pois, além das materias novas mencionadas nos programas de 6.ª e da 7.ª classe, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvoltura e metódica coleção de 277 problemas numerados abrangendo todos os assuntos da fisica acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros do ensino e que estão vulgarizadas em Portugal e no Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas; tais como a da fotografia das cores, da fotografia a través dos corpos opacos ou raio X, das correntes de alta frequência, dos radionductores, da telegrafia sem fio e da radiocellidade. Os principios e deducções theóricas, as experiencias demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numerados, estão expostos por forma que imprimam a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theórico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fora dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receitas e processos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenomenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

COMBRA—Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

LIVROS

Publicaram-se os tomos 64 e 65 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a AILLAUD, ALVES & C.—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

Novidades literarias

MEMORIA

do

1.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do vale

lar—no 1.º centenario do seu falecimento

celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10, 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, relatorios das diferentes associações de instrução piedade e caridade estabelecidos no Algarve, uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida foto-gravura de D. Francisco Gomes e um mapa topografico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 1\$50 na Tipografia Uniao—Rua Tenente Valadim, Faro—e nas Livrarias da cidade.

CAIXEIRO

PRECISA-SE de um com pratica de balcão, bom expediente, na Cooperativa A PREVIDENTE em Faro. Ordenado regular, exigem-se boas referências.

VENDEM-SE

VACAS TOURINAS, PARIDAS DE FRESCO

JOÃO DE SOUZA ROMÃO

VILA REAL DE SANTO ANTONIO